



ATELIÊ DE TEATRO CIRCULANDO EM BODAS DE ZINCO

ATELIÊ DE TEATRO CIRCULANDO IN ZINC ANNIVERSARY

ATELIÊ DE TEATRO CIRCULANDO EN BODAS DE ZINC

Adriana Bonfatti, Joana Ribeiro, Aline Vargas, Airton Assunção, Lorena Lima, Paulo Motta Martins e Sarah Sanfins

Adriana Bonfatti

Docente vinculada ao Departamento de Interpretação Teatral do Bacharelado em Atuação Cênica da Escola de Teatro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Doutora em Artes Cênicas pela Unirio. Coordenadora do Laboratório Artes do Movimento. Vice-coordenadora do Projeto de extensão “Oficina de Teatro Circulando – Ateliê de Teatro para jovens com transtornos mentais”, afetivamente conhecido como “Projeto Circulando”.

Joana Ribeiro

Professora Adjunta da Escola de Teatro, Unirio. Integra o Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Coordenadora do Laboratório Artes do Movimento e do Projeto de extensão “Oficina de Teatro Circulando: Ateliê de Teatro para jovens com transtornos mentais”. Tem pós-doutorado pela Universidade Paris 8, com a qual desenvolve Acordo de Mútua Cooperação.

Aline Vargas

Doutoranda em Artes Cênicas na Unirio. Pedagogia Teatral. Orientadora: Rosyane Trotta. Pesquisadora bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Artista da cena, educadora e compositora. Responsável pela edição final do presente artigo.

Airton Assunção

Graduando em Atuação Cênica na Unirio. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (Pibex/Unirio). Ator.

Lorena Lima

Graduada em Licenciatura em Teatro pela Unirio.

Paulo Motta Martins

Graduando em Licenciatura em Teatro na Unirio. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Cultura (Pibcul). Ator, diretor e professor de teatro.

Sarah Sanfins

Graduanda em Licenciatura em Teatro na Unirio. Bolsista do Pibcul. Fotógrafa, videomaker, atriz e professora de teatro.

Resumo

Este artigo apresenta noções sobre a “Oficina de Teatro Circulando: ateliê de teatro para jovens com transtornos mentais”, projeto de extensão realizado na Escola de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. O estudo se debruça sobre desejos e desafios que envolvem a oficina, tais como a continuidade do trabalho durante a pandemia de covid-19, a realização de eventos no âmbito do projeto e o início de discussões sobre questões raciais na oficina. Além disso, este trabalho é mais uma forma de reafirmar a importância de as pessoas neurodivergentes tomarem seus espaços de direito, protagonizando suas trajetórias e projetando suas vozes e corpos no mundo.

Palavras-chave: artes cênicas, autismos, escuta, racialização

Abstract

This paper presents the “Oficina de Teatro Circulando: a theater atelier for youth with mental disorders,” an extension project that takes place at Escola de Teatro, Federal University of the State of Rio de Janeiro. The study focuses on the desires and challenges surrounding the workshop, such as continuity of work during the COVID-19 pandemic, the execution of project events and the initial discussions regarding racial issues within the project. Moreover, this article reaffirms the importance of neurodivergent individuals occupying their rightful spaces, starring in their stories and putting their voices and bodies out into the world.

Keywords: autisms, listening, performing arts, racialization

Resumen

Este artículo tiene como objetivo presentar las nociones sobre el “Oficina de Teatro Circulando: Estudio de teatro para jóvenes con trastornos mentales”, un proyecto de extensión realizado en la Escuela de Teatro de la Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Este estudio se centra en los deseos y desafíos que involucran el taller, como la continuidad del trabajo durante la pandemia del COVID-19, la realización de eventos dentro del proyecto y el inicio de discusiones sobre cuestiones raciales en el taller. Además, este artículo es otra forma de reafirmar la importancia de que las personas neurodivergentes ocupen los espacios que les corresponden, lideren sus trayectorias y proyecten sus voces y cuerpos en el mundo.

Palabras clave: artes escénicas, autismo, escucha, racialización

Em 2023, o Ateliê de Teatro Circulando¹ completa 10 anos de existência institucional como um projeto cadastrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PROExC/Unirio), graças a diversas parcerias, notadamente com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)². Este é um motivo e tanto para comemorarmos!

O ateliê de teatro, que começou como uma oficina em caráter experimental em 2010, com parceria entre o Grupo Teatro de Operações³ e o Instituto de Psiquiatria da UFRJ (Ipub), se manteve durante alguns anos na informalidade e se oficializou na Unirio em 2013. Atualmente, o ateliê acontece uma vez por semana na sala Nelly Laport, situada na Escola de Teatro da Unirio, e é direcionado para jovens e adultos autistas e psicóticos. O projeto de extensão integra três grupos: o grupo dos **oficineiros** (graduandos e pós-graduandos da Escola de Teatro da Unirio e do Instituto de Psicologia da UFRJ), o grupo dos **participantes** (jovens e adultos autistas e psicóticos) e seus **familiares** (que, para além de acompanhá-los até a universidade, formam um segundo dispositivo oferecido pelo projeto, o Grupo com Responsáveis, que ocorre em paralelo à Oficina de Teatro).

Este artigo foi escrito a muitas mãos, assim como é realizado o “Ateliê de Teatro Circulando”. Através da escrita, desejamos não só compartilhar um pouco da história desse projeto, mas também instigar os leitores à ação – pois, para que possamos reparar a falta de acessibilidade, arte, cuidado e afeto que existe em nossa sociedade, é preciso unir trabalho individual, coletivo e

¹ Cadastrado oficialmente na PROExC/Unirio como “Oficina de Teatro Circulando: ateliê de teatro para jovens com transtornos mentais”. Neste artigo, vamos nos referir ao trabalho em questão como “Oficina de Teatro” e como “Ateliê de Teatro”. Ambas as formas denotam o mesmo trabalho, realizado na Escola de Teatro da Unirio.

² Parceria no âmbito do projeto “Circulando e Traçando Laços e Parcerias: atendimento para jovens autistas e psicóticos em direção ao laço social” sob a coordenação da Profa. Dra. Ana Beatriz Freire. Atualmente, o Circulando (UFRJ) é coordenado pelo professor Fábio Malcher, com a supervisão psicanalítica de Ana Beatriz Freire e Kátia Álvares.

³ O grupo Teatro de Operações surge em 2009 da iniciativa de alunos da Escola de Teatro da Unirio dissidentes de um projeto que trabalhava com teatro em presídios. Trata-se de um grupo formado por artistas de diversas partes do Brasil que se dedica à pesquisa de formas de conjugar arte e ativismo político através da criação de operações para teatro de rua e do desenvolvimento de pedagogias periféricas. Atualmente, o grupo se configura apenas como uma rede afetiva e seus integrantes seguem desenvolvendo trabalhos que ainda reverberam diversas questões trabalhadas com o coletivo, na maioria dos casos no âmbito da Pós-Graduação.

colaborativo. **É preciso escuta!** Escutar além dos ouvidos, com os olhos, com a pele e a intuição.

Optamos então por relatar, analisar e colocar em diálogo o passado e o presente como estratégia e processo, necessários para que possamos juntos construir um futuro sem a regência dos valores do capacitismo⁴. Acreditamos estar nesse caminho, em ação.

Por dentro do Ateliê de Teatro

Às quintas, na parte da manhã, ocorrem os nossos encontros⁵. Antes de receber os participantes, realizamos uma hora de aquecimento e trabalho coletivo entre osicineiros. Nesses aquecimentos – na maioria das vezes, propostos pelosicineiros do teatro – inicia-se não somente um trabalho corporal no sentido físico, mas também uma troca de conhecimentos. Exercitamos uma abertura de nossos canais de comunicação, possibilitando uma escuta atenta e cuidadosa que gera segurança e disponibilidade para “jogar”⁶ com os participantes e suas respectivas singularidades e desejos.

Assim que chegamos, espalhamos pelo espaço os materiais que usaremos durante a oficina⁷. Na maioria das vezes, juntamos alguns objetos em cima de tecidos por agrupamentos de interesse. Por exemplo: em um grupo, instrumentos musicais; em outro, papéis, livros e lápis de cor; um outro

⁴ “Capacitismo” é o termo usado para designar o preconceito e a discriminação de pessoas que apresentam algum tipo de deficiência, seja ela física ou mental. Este conceito baseia-se no ideal construído socialmente de um padrão neurológico e corporal a ser seguido, fazendo com que pessoas neurodivergentes ou com algum tipo de deficiência física – e, conseqüentemente, fora deste padrão – sejam subalternizadas ou enxergadas como incapazes. O termo teve sua origem no início da década de 1980 durante os movimentos pelos direitos das pessoas com deficiência (PCD) nos Estados Unidos.

⁵ Atualmente, temos em torno de dez participantes no Ateliê de Teatro e até nove participantes no grupo com responsáveis. Na Unirio, contamos com seis bolsistas, cincoicineiros voluntários e duas coordenadoras. Na UFRJ, contamos com seteicineiros e três coordenadores.

⁶ Jogar aqui é entendido como uma forma de estar disponível para criar estruturas de jogo que partam tanto de improvisações teatrais (esboços de cenas), quanto de brincadeiras, músicas e pequenos diálogos.

⁷ No início do projeto, sem a institucionalização, os primeirosicineiros precisavam carregar bolsas grandes de material de ônibus ou mesmo a pé para ir aos encontros. A possibilidade de ter os materiais guardados no Laboratório Artes do Movimento (Labam – www.laboratorioartismo.com), espaço anexo à sala, é muito importante para a logística do trabalho.

com acessórios de cabeça (chapéu, perucas, arcos). Esses materiais, dispostos pela sala, atuam como “iscas” para possíveis jogos. O jogo enquanto dinâmica relacional é fundamental em nossa atuação no ateliê e os objetos nos auxiliam na construção das possíveis relações com os participantes, como suporte de criação de laços de confiança e afeto. Segundo Vargas e Guimaraens (2014, p. 203), no ateliê de teatro,

[o] objetivo é conquistar a confiança dos pacientes [participantes]⁸, buscando a aproximação e o contato através [...] do movimento ou do som e desenvolver jogos que criem zonas intersticiais de comunicação, que não sejam nem na nossa linguagem comum, que eles negam, nem na deles, que desconhecemos. Perceber que acordos se podem criar com cada paciente [participante] para estabelecer algum tipo de jogo, eventualmente verbal – como a demanda é dos pacientes [participantes], por vezes, permitem-se entrar na linguagem e nos surpreendem com jogos que vão além de sonoridades envolvendo signos de nossa realidade — mas, principalmente, através do movimento. Mais que aula de teatro, o ateliê tem sido um espaço relacional onde desenvolvemos com os pacientes [participantes], micro jogos teatrais de confiança, que se expressam em movimentos e sons.

Ainda que a psicologia caminhe junto com a arte na Oficina de Teatro Circulando, os estudos e práticas das duas áreas são muito diferentes. Essa diferença toma corpo durante as oficinas de teatro, o que reitera a necessidade de realizarmos o nosso “encontro de aquecimento” prévio. Percebemos o quanto este momento é indispensável para a construção de uma linguagem em comum. É fundamental jogar com as disponibilidades e desejos de cada um e contar com nosso repertório teatral, que inclui jogos cênicos, improvisações e o estudo de técnicas que possibilitam um trabalho maior com o corpo e com a voz.

Após cada ateliê, realizamos uma reunião para debater o que aconteceu naquele dia e recriar estratégias para novos encontros. Uma vez por semana, temos uma reunião de supervisão com a equipe de coordenadores da psicologia da UFRJ, direcionada para estudos de caso.

⁸ No artigo original, chamávamos os participantes da oficina de “pacientes”. Depois de pouco tempo, percebemos que esse termo colocava os participantes apenas como receptores, não como pessoas que também participam do processo de construção do ateliê, ativamente conosco, como de fato acontece.

Trabalho com as famílias: quem cuida de quem cuida?

Partindo da questão do cuidado e da percepção da presença das mães – que nos anos iniciais do projeto ficavam “do lado de fora” aguardando seus filhos em um espaço que não as recebia –, idealizamos um novo trabalho com esse grupo. Em abril de 2014, iniciamos um processo através da escuta de relatos de momentos da vida de cada uma delas. Desse modo, elas foram deixando transparecer seus sonhos, suas habilidades e desejos. Essa atividade gerou uma troca artística efetiva, amorosa e cuidadosa, estimulando um senso de pertencimento e amizade entre as pessoas do grupo.

Desde o início, o trabalho contou com o acolhimento de estudantes da UFRJ, para que tivéssemos uma escuta psicológica. Esse cruzamento entre as áreas de artes e psicologia é uma das forças do projeto. Ao longo dos anos, diversos outros trabalhos artísticos foram se seguindo, com uso de recorte/colagem, desenho, canto, composição musical, teatro, performance, expressão corporal, escrita, leitura dramatizada e fotografias. As propostas surgem sempre de acordo com os desejos e aptidões de cada integrante. Afinal, tal qual um ateliê-livre, nada ali é obrigatório.

Ateliê de Teatro on-line

Durante a pandemia de covid-19, o ateliê de teatro – construído de maneira tão presencial e artesanal – precisou ser adaptado para o espaço virtual, tornando-se um movimento de constante reinvenção. Realizar oficinas on-line implicava reaprender sobre as próprias oficinas e o sentido das artes cênicas. Era necessário termos a atenção redobrada, não apenas por causa do extracampo audiovisual (no caso, a fuga da visão do participante na tela), mas também no sentido da percepção. Tínhamos que perceber qual era o jogo mais atraente e convidativo, e, na contramão, quais eram os jogos desagradáveis. Só assim, a partir dessa nova realidade, foi possível recriar as oficinas.

Na pandemia, osicineiros precisavam lidar com duas pessoas ao mesmo tempo do outro lado da tela. Essa dupla era formada pelo participante, que costumava estranhar aquela mídia, e seu responsável, que muitas vezes atuava como seu mediador, retirando sua autonomia. Já nas oficinas presenciais, osicineiros estabelecem uma relação direta com os participantes, e os pais e responsáveis atuam somente em caso de necessidade. “Oficinar” através de uma tela demandou mais sensibilidade para que algum trabalho conseguisse, de fato, acontecer. As dificuldades no acesso e uso da tecnologia, internet ou aparelhos, também se tornaram grandes desafios.

As primeiras tentativas de oficinas on-line foram instigantes e, algumas vezes, frustrantes. Diversos jogos que fluíam bem presencialmente não cabiam mais ali. A demanda de trabalho se multiplicou, pois o que antes era uma oficina única e coletiva se destrinchou em oficinas individuais, com cada participante trabalhando com, em média, doisicineiros.

Ao longo desse processo, a relação pela tela se mostrou cansativa e mais complexa, sobretudo com os participantes menos verbais. Foi preciso recriar, negociar e se reinventar a partir deste novo suporte tecnológico, descobrindo novas maneiras de se movimentar, utilizando estímulos sonoros e visuais.

Caso M.

Com M., jovem não verbal e com distúrbios motores, tivemos uma adaptação para o encontro virtual muito conturbada. Nas primeiras oficinas, levamos como propostas algumas atividades em que o próprio corpo funcionava como voz – por exemplo, tocar e massagear determinadas partes do corpo. Aos poucos, à medida que as oficinas foram acontecendo semanalmente, M. começou a usar mais palavras. O diálogo tomava conta dos encontros, ainda que o corpo estivesse bastante presente. As palavras, monossilábicas ou repetitivas (muitas vezes, ecolalia⁹), foram surgindo a partir

⁹ Disfunção em que a pessoa repete mecanicamente palavras ou frases que escuta.

de um dado que se fazia urgente: separar o participante do responsável. Isto ajudou a criar um pouco mais de autonomia na rotina do participante e mais liberdade criativa para osicineiros que atuavam com ele.

E, assim como com qualquer pessoa, nem todos os dias M. estava disponível para o jogo. Ele também tinha seus dias difíceis. Compreender essa exaustão através do corpo que ele apresentava, elaborando com ele novas estratégias para o encontro, foram maneiras que encontramos de convidá-lo para atuar conosco no formato on-line. M. entrava no jogo quando este o interessava. Com o tempo, segundo a mãe, os dias ocupados por esses encontros tornaram-se seus preferidos. Em algumas oficinas, trabalhávamos contando histórias e usando meias como fantoches improvisados, criando um canal de ligação e diálogo direto com ele através da tela.

Mostra Circulando em Rede

No ano de 2021, a Oficina de Teatro Circulando idealizou e produziu a mostra artística “Circulando em rede na pandemia: entre as artes e a saúde mental”¹⁰, propondo atar os fios do passado com o presente por meio da edição de uma mostra em dois tempos: o resgate do acervo audiovisual da oficina presencial e a gravação das ações remotas durante a pandemia. Durante esse período, a pedagogia dos educadores foi marcada pela aposta no afeto, no uso da música, tecidos e objetos que os participantes tivessem disponíveis em casa, para fazer a mediação entre os corpos e diminuir um pouco a distância causada pelo isolamento físico.

A mostra Circulando em Rede integrou o V Encontro Circulando com o Autismo¹¹, com duas exposições distintas, seguidas de debate com participantes e familiares, mediado poricineiros. A mostra apresentou curtas-metragens poéticas de conteúdo artístico-pedagógico, que procuravam divulgar o trabalho cultural de cunho sensível e efêmero realizado pelos

¹⁰ A partir do Edital PIBCUL (Nº01/2021). A Mostra, dirigida por Paulo Motta Martins (bolsista PIBCUL), está disponível em: <https://youtu.be/8yJrRx5Bg8M> (1º dia) e <https://youtu.be/qXdX6dcGwg8> (2º dia).

¹¹ Disponível no Canal da Cultura/Unirio em: <https://youtu.be/tt1w6EjLbw4> (1º dia) e <https://youtu.be/5x14Ti0pMBE> (2º dia).

membros do projeto, estabelecendo um diálogo entre as áreas das artes e da saúde mental.

Um dos curtas que compõem a mostra, nomeado *A barca*¹², registra um grupo de oficinairos e participantes brincando de barco dentro de um bambolê na Sala Nelly Laport enquanto cantam a cantiga “Marinheiro só”.¹³ Esse vídeo serviu como uma espécie de apontamento sobre a possibilidade do uso pedagógico das músicas tradicionais da infância na oficina e como ponto de partida para a segunda edição da mostra.

O lugar da pessoa do registro dentro dos espaços de trabalho nas oficinas

A “2ª Mostra Circulando: Quem te ensinou a guardar?”¹⁴ apostou na pesquisa das cantigas tradicionais de Mário de Andrade e no atravessamento dessas cantigas com a modernidade. Ao longo de 2022, o trabalho dos bolsistas para essa mostra ultrapassou as demandas do mero registro audiovisual das oficinas.

A ideia de inserir a câmera durante os jogos, algumas vezes filmando de dentro com os participantes, outras vezes transformando a filmagem no próprio jogo, aconteceu como um convite para novas atuações dos participantes na oficina. Familiarizados com o uso do telefone celular – instrumento escolhido para os registros – os participantes tornaram-se coautores, filmando a si próprios e reiterando um dos pilares do projeto, cujo ato criativo parte dos interesses dos próprios participantes.

E assim foi feito. Em dado momento, F. mostrou-se extremamente curiosa pela gravação que estava sendo feita, despertando nela o interesse em fazer o mesmo: registrar o que a atraía na oficina. Assim, foi tecido um

¹² Disponível em: <https://youtu.be/8yJrRx5Bg8M>.

¹³ Música popularizada no país pelas tradicionais marujadas e por sua adesão a diversas outras manifestações culturais.

¹⁴ Dirigida pelos oficinairos Sarah Sanfins e Paulo Motta, bolsistas PIBCUL e disponível em: <https://youtu.be/icKv2ExUdcc>.

diálogo não verbal, estabelecendo um jogo de câmeras, até a adolescente estar satisfeita com a sua documentação e encerrar o vídeo.

Racialização dos corpos: o recorte racial dentro da Oficina de Teatro Circulando

Nossa oficina parte de um trabalho individualizado atento às demandas específicas de cada participante, através das questões que eles mesmos nos trazem. A partir de agora, precisamos levar em consideração um ponto importante para balizar nossa discussão: a questão racial. Não há como ignorar que, no contexto social em que vivemos, esse é um fato que gera diversos atravessamentos, inclusive em corpos neurodivergentes.

Dessa forma, **racializar** o nosso pensamento é ter a consciência de que corpos negros são atingidos por fatores que os diferenciam de corpos brancos, tornando-se mais uma camada simbólica na vida de indivíduos que já enfrentam o capacitismo. Essa reflexão é urgente para entendermos como o racismo colide com esses corpos, afetando a vivência de pessoas negras autistas.

Esta discussão perpassou o IV Encontro Circulando com o Autismo “Atravessamentos: presente, passado e futuro”¹⁵. A terceira e última mesa do evento, que tratava especificamente de um recorte racial, mostrou-se de extrema importância para o desenvolvimento desse tema¹⁶. A reflexão sobre a saúde mental da população negra a partir do viés histórico escancara um território complexo, visto que o ideal mercadológico depositado nesses corpos durante o processo brasileiro de escravização teve como consequência a negação da humanidade desse povo.

Além disso, o processo de discutir tal assunto é colocar em prática um trabalho que foi minado da nossa sociedade por um processo de violência, que acarretou o apagamento do reconhecimento da pessoa negra enquanto indivíduo, destituindo seu direito de existência em plenitude e colocando-o no

¹⁵ Disponível em: https://youtu.be/fSoUlnk_0LI.

¹⁶ Disponível em: <https://youtu.be/boWr9ceosL4>.

lugar de inferioridade, em contraste com uma supervalorização da branquitude. Por isso, nosso trabalho na Oficina de Teatro Circulando também coloca a subjetividade do *Ser* em pauta, considerando suas singularidades.

▶ Dessa forma, apostamos na valorização de práticas e vivências pretas como uma tentativa de tirar o povo preto do lugar de *objeto* – o que bell hooks (apud KILOMBA, 2019, p. 28) conceitua como quem tem a “realidade definida por outros” – e trazer ao lugar de *sujeito* – aqueles que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias”.

Trazendo essa discussão para mais perto da nossa prática nos ateliês, relatamos, a seguir, um caso para exemplificar processos de racialização no âmbito da Oficina de Teatro Circulando.

Caso L.

L. é uma jovem atraída pela dança e jogos com o corpo. Por isso, desde 2019, procuramos realizar com ela trabalhos que tenham esse viés, possibilitando que dance ritmos de que gosta e se coloque em foco diante da câmera nas oficinas on-line, a fim de que consiga protagonismo. Durante o período pandêmico, trouxemos também o passinho – estilo de dança tradicional do funk, advindo das favelas cariocas –, apresentando a ela novos ritmos e deixando-a mais próxima da história da dança e da música negras.

Continuando nesse prisma de evidenciar a história negra, outro trabalho feito com L. foi a confecção dos nossos próprios instrumentos. Trouxemos como sugestão o chocalho, que, assim como o xequeré e o caxixi, é um instrumento ancestral, pertencente aos povos originários e aos escravizados vindos de África. Contamos isso para L. e percebemos que, mesmo sutilmente, encontramos uma forma de deixá-la mais perto da cultura preta e de sua ancestralidade enquanto jovem preta.

Todas essas questões e esses exemplos de ações dentro do projeto nos levam refletir sobre a importância de profissionais que racializem seu pensamento:

Em outras palavras, o negro não deve mais se ver colocado diante deste dilema: branquear-se ou desaparecer, mas deve tomar consciência de uma possibilidade de existir; dito de outra maneira, se a sociedade lhe cria dificuldades em razão da sua cor, se constato em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será de dissuadi-lo, aconselhando-o a “manter distância”; ao contrário, meu objetivo será, uma vez elucidados os motivos, colocá-lo em condições de escolher a ação (ou a passividade) diante da verdadeira fonte conflitual – isto é, diante das estruturas sociais. (FANON, 2020, p. 114)

Frantz Fanon, psiquiatra e intelectual negro, traz em seu livro *Pele negra, máscaras brancas* (2020) a necessidade de psicanalistas “conscientizarem o inconsciente” de seus pacientes. Porém, realizar esse movimento torna-se inviável se o próprio profissional não busca atingir essa conscientização. A fim de sermos mais precisos e certos, essa é uma tentativa de “chacoalhar” pessoas brancas que trabalham com saúde mental, para que se atenha ao fato de que é urgente olhar para a sua própria vivência, enquanto indivíduo branco, e perceber que demandas de pessoas negras são diferentes e, por isso, necessitam de outro tipo de atenção.

Racializar o pensamento é um dever social. Quando falamos de trabalhadores que têm sua prática diretamente ligada à subjetividade do ser, como aqueles que trabalham com saúde mental, a questão torna-se ainda mais urgente.

Pensar na racialização dos corpos na Oficina de Teatro Circulando é manter um dos pilares do nosso projeto: a escuta. Ter a sensibilidade aguçada é ter a consciência social de que corpos negros são arrebatados por outras camadas simbólicas no território brasileiro. Um corpo negro autista, em situação de vulnerabilidade social, ao atravessar a cidade do Rio de Janeiro em direção à universidade pública, provoca questões urgentes sobre as quais precisamos refletir para poder prosseguir.

“Como será o amanhã? Responda quem puder”¹⁷

Integrar a Oficina de Teatro Circulando é saber que, historicamente, ela foi – e ainda é – permeada por desafios. Eles se modificam ao longo do tempo, mudam de rosto e de forma, mas estão sempre presentes.

Quando projetamos um caminho futuro para a Oficina de Teatro Circulando, aventamos não só questões externas a nós, mas, também, reflexões que precisam partir do nosso grupo. Dessa forma, já se mostra como algo presente em nossas prioridades a importância de fazer, cada vez mais, com que participantes do projeto possam se colocar como sujeitos, apropriados e pertencentes a esse espaço-tempo, passíveis de estar no mundo falando/mostrando/performando sobre si mesmos e sem precisar de um indivíduo neurotípico para falar *sobre* eles.

Nos próximos 10 anos do projeto, desejamos que cada vez mais existam espaços voltados para todas as pessoas, sem distinção ou segregação, e que cada vez mais as pessoas neurodivergentes possam estar presentes na universidade – e em todos os lugares onde elas queiram estar.

Bibliografia

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu, 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

VARGAS, Aline; GUIMARAENS, Caito. Teatro com autistas: experiência no Ateliê de Teatro do Projeto Circulando. //: FREIRE, Ana Beatriz; MALCHER, Fabio (org.).

Circulando: jovens e suas invenções no autismo e na psicose. Rio de Janeiro: Subversos, 2014.

¹⁷ Canção “O amanhã”, composição de João Sérgio da Silva Filho, eternizada na voz de Simone.